

METODOLOGIA APLICADA EM PESQUISA NA INTERFACE DA PSICOLINGÜÍSTICA E SOCIOLINGÜÍSTICA SOBRE A (NÃO) REALIZAÇÃO DO FONEMA /R/ EM FINAL DE PALAVRAS EM TEXTOS ORAIS DE INFORMANTES EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Almerinda Tereza Bianca Bez Batti DIAS (Universidade do Extremo Sul Catarinense)¹

ABSTRACT: *The objective of this study is to describe the approach applied in a research in the interface of two sciences: psycholinguistics and sociolinguistics. of the psycholinguistic science, we used the longitudinal case, because it is one of the most used method to investigate children in the language acquisition fase. Of the sociolinguistic science, we applied the theoretical and methodological presupposition of lavob (1978), towards the spontaneity of speech and the control of groups of linguistic and extralinguistic aspects.*

KEYWORDS: *sociolinguistic; psycholinguistics; approach applied.*

Introdução

Este artigo da “(Não) realização do fonema /R/ em final de palavras em textos orais de informantes em fase de aquisição da linguagem – estudo de caso” tem como objetivo a descrição da metodologia utilizada na pesquisa oriunda de dissertação de mestrado. A inovação desta proposta está na junção de dois métodos, ancorados na interfase de duas ciências: psicolingüística (aquisição de linguagem) e sociolingüística (variação/ mudança).

1. Revisão da literatura sobre métodos de pesquisa

Embora já houvesse pesquisas controladas no início do século passado, elas ainda não utilizavam métodos considerados da Psicolingüística, uma vez que esta surgiu como ciência em 1953, segundo Sternberg (2000). Essa ciência interessa-se pelos comportamentos verbais vs características psicológicas dos informantes.

Além dos avanços filosóficos e psicológicos, também houve crescimento em tecnologias, sendo este o impulsionador das pesquisas na área da mente humana, pois, por meio das novidades tecnológicas, foram possíveis observar, simular, analisar e descrever muitos fenômenos do processamento das informações.

Na Psicolingüística, utilizam-se vários métodos com o propósito de verificar o processo da linguagem como:

¹ Mestra em Ciências da Linguagem e professora de Produção e Interpretação textual e Língua Portuguesa na Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc.

Experimental – o investigador manipula as variáveis independentes sob as dependentes em uma amostra rigorosamente controlada, a qual representa a população de interesse na pesquisa a fim de que o pesquisador teste suas hipóteses.

Estudo de Caso – normalmente são investigações individuais, nas quais focalizam um determinado fenômeno com o objetivo de estudá-lo em profundidade, detalhando-o.

Auto-Relatos – consiste em narrativa, na qual o informante relata sua experiência ou sobre algo que foi questionado, este método depende da honestidade do relator na narração.

Observação naturalista – é a observação no dia-a-dia do informante, ou seja, não há interferência do pesquisador, pois este apenas registra a observação.

Longitudinal – são estudos que acompanham por um período longo o fenômeno em estudo em um determinado grupo de informantes, são utilizados quando há necessidade de verificar um fenômeno por um período de tempo. Segundo Scarpa (2001, p. 204), estudo longitudinal é aquele “[...] que acompanha o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo”.

O termo Sociolinguística se fixou no ano de 1964, em um congresso organizado por William Bright, de acordo com Alkmim (2001), no qual participaram diversos estudiosos das relações entre linguagem e sociedade. Logo a sociolinguística, também, é uma área nova e muito explorada nos últimos anos.

Surge, portanto, a necessidade de pesquisas empíricas a fim de proporcionar descrições das línguas enquanto sistemas da linguagem humana, ou seja, o conhecimento da nossa realidade lingüística.

Entendemos por sociolinguística varacionista o estudo das correlações sistemáticas entre as diferentes formas de dizer a mesma coisa e determinados por fatores extralingüísticos (sócias: escolaridade, idade, sexo, classe de renda, etnia, dimensão geográfica) e lingüísticos (como condicionamentos de natureza sintática, por exemplo).

Nas pesquisas sociolinguísticas, quando há variantes, elas são sistemáticas, isto é, há uma organização lingüística tal que é possível correlacionar a ocorrência de uma variante em diferentes grupos de falantes com suas características sociais, revelando assim uma estratificação social das variantes. Além disso, observa-se o contexto de fala em que o falante se encontra (se o contexto é mais formal, ou menos formal; contexto espontâneo ou não-espontâneo), determinando a estratificação estilística das variantes conforme Labov (1978).

Com isso, a sociolinguística abriu nova metodologia, apoiada na mensuração da variabilidade, tendo novas perspectivas para o estudo histórico da variação, porque é possível distribuir os falantes em diversas faixas etárias, fazendo assim uma investigação no chamado tempo aparente, operando com o conceito de mudança em progresso. Além disso, é possível confirmar por meio de observações em tempo real, qual variante foi adotada e qual foi rejeitada por um determinado grupo de falantes, conforme diz Faraco (1998, p. 117):

Com esse tipo de estudo, a sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes – estratificadas social e estilisticamente – coexistem e fases em que elas entram em concorrência, ao cabo da qual uma termina por vencer a outra [...].

A variação lingüística é parte constitutiva do sistema lingüístico. De acordo com os pressupostos da Sociolinguística, essa variação é determinada por fatores sociais e lingüísticos.

Dessa forma, as diferenças sociais se refletem na linguagem, e, dependendo do grau de escolaridade, sexo, idade, origem geográfica, etnia e situação socioeconômica dos falantes/ouvintes, haverá diversas variantes no idioma. As diferenças estruturais da linguagem falada podem ser fonético-fonológicas, morfossintáticas, fonéticas, semânticas, lexicais e discursivo-pragmáticas; quando for possível identificar traços característicos de um modo de falar, serão chamadas de variações ou variedades lingüísticas.

A variante de maior prestígio, normalmente de forma mais antiga, é denominada de conservadora e poderá ser substituída pela mais recente ou inovadora. Entretanto, até a nova variação ser aceita, esta sofre restrições ou estigmas.

2. Metodologia aplicada na interface da psico-sociolingüística

Os métodos utilizados na referida pesquisa foram interdisciplinares, uma vez que houve conciliação de duas áreas, a saber: Psicolingüística e Sociolingüística. Da primeira, usamos o método “Estudo de Caso”, o qual é utilizado para experimentos individuais, pois focaliza a especificação de aspectos cognitivos separados entre os indivíduos, a fim de que obtivéssemos informações sobre o modo como os falantes pronunciavam o fonema /R/. Conforme Sternberg (2000), esse método prevê um estudo intensivo de indivíduos únicos, tirando conclusões gerais. Sua vantagem é o acesso a informações ricamente detalhadas sobre os indivíduos, os contextos histórico e atual, os quais podem não estar disponíveis na utilização de outros métodos. A desvantagem é a sua aplicabilidade a outras pessoas, já que a não-representatividade da amostra limita as generalizações.

Tratamos, aqui, de uma pesquisa com informantes em fase de aquisição de linguagem, por isso fizemos um estudo longitudinal a fim de acompanharmos o desenvolvimento e a mudança da linguagem nos dois informantes durante os 19 meses. Conforme Mollica (1997, p. 12) “Estudos de casos em crianças são metodologicamente também muito freqüentes com amostras de L1 e / ou L2. Experimentos longitudinais em pesquisa desse tipo são, de modo geral, a tradição em investigações em aquisição de linguagem.”

Também a perspectiva metodológica da referida pesquisa foi a da Teoria da Variação e Mudança Lingüística, postulada por Labov (1978). Nela, pressupõe-se que, por ser a língua heterogênea, sujeita à variação e mudança, sendo esses processos (o de variação e mudança lingüística) possíveis de serem analisados de um modo sistemático, bem como os fatores lingüísticos (estruturais) e ou extralingüísticos (extra-estruturais ou sociais) que levaram à variação e à mudança lingüística.

2.1. Metodologia da coleta da amostra

Ressaltamos que a prática metodológica de coleta de dados da pesquisa foi criada para atender a coleta dos dados ‘orais’, uma vez que o objetivo do estudo variacionista costuma ser a descrição da linguagem FALADA por informantes de uma certa comunidade lingüística, com controles extralingüísticos de natureza diversa: natureza social (idade, sexo, escolaridade), natureza diatópica (região e grupos étnicos específicos) e natureza diastrática (classe social, profissão, dentre outros fatores).

A amostra da referida pesquisa foi constituída por um estudo longitudinal, que ocorreu durante 19 meses de observação e coleta de dados de informantes em fase de aquisição da

linguagem. A amostra foi obtida por meio de entrevistas e interações com os dois informantes. Na Figura 1, abaixo, apresentamos informações sobre os dois informantes.

	Informante 1	Informante 2
Sexo	Masculino	Feminino
Idade de coleta de dados	4 anos e 4 meses a 5 anos e 9	2 anos e 4 meses a 3 anos e 9
Escolaridade	Pré-escola desde dois anos e dois meses	Pré-escola desde dois anos e dois meses
Profissão dos pais	Engenheiro mecânico e professora	Engenheiro mecânico e professora
Cidade em que nasceu e vive	Criciúma – SC	Criciúma – SC

Figura 1: Informações dos dois informantes que compõem a amostra

A coleta da amostra teve início em maio de 2001 e foi finalizada em novembro de 2002, obedeceu aos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística de Labov, no que se refere ao quesito espontaneidade da fala. A amostra de dados em textos orais de fala foi coletada em 37 entrevistas, totalizando 1.170 dados, sendo 609 ocorrências do Informante 1 (com 92,61% de aplicação da regra de não-realização do fonema /R/ em final de palavras) e 561 do Informante 2 (sendo 92,15% com aplicação da regra), conforme distribuição apresentada na Figura 2, abaixo:

Informante 1			Informante 2		
Aplicação	Total	%	Aplicação	Total	%
564	609	92,61	517	561	92,15
Total geral da amostra: 1.170 dados					

Figura 2: Distribuição da frequência de apagamento do /R/ em final de palavras em textos orais

2.2. Procedimentos metodológicos

O *corpus* foi coletado em um período de 19 meses (nem todos em seqüência), com gravações de áudio ou vídeo, em que a própria pesquisadora efetuou as entrevistas no ambiente doméstico, procurando interagir com as crianças o mínimo possível, deixando-as brincarem nas dependências da casa deles com seus pertences, ou seja, apenas registrando, não interferindo nas suas decisões. Os registros foram efetuados com gravações de, no mínimo, 15 minutos e, no máximo, 1 hora por entrevista, totalizando sempre 1 hora mensal, de acordo com a disposição dos informantes, porque percebemos a necessidade de adequar o período de gravação com as vontades e necessidades dos informantes, por isso inicialmente as gravações foram de uma hora, o que era demasiadamente exaustivo para eles, além do que eles queriam ter outras atividades, nas quais, muitas vezes, não conversavam, então, adaptamos para 30 minutos quinzenalmente, e, em seguida, passamos a gravá-los em período de 15 minutos semanais, totalizando uma hora no mês, a fim de conseguirmos momentos de maior descontração e interação entre os informantes.

Antes de iniciarmos a coleta, fizemos algumas sessões de gravação com o propósito de que os informantes passassem a agir com naturalidade durante as entrevistas. As gravações obtidas nesse período foram dispensadas da amostra, porque, mesmo os informantes tendo o costume de serem filmados em situações diversas no convívio familiar, em princípio eles queriam chamar a atenção, e o nosso objetivo era realizar as entrevistas de modo o mais espontâneo possível. Além disso, como refino metodológico, se em uma sessão os informantes resolvessem mudar de atividade, por exemplo: assistir televisão, e não conversavam mais, essa gravação era desconsiderada, porque não atendia os quinze minutos delimitados.

Durante a gravação das falas das crianças em VHS, elas foram expostas, diariamente em um período de cerca de noventa dias, à audição das fitas em vídeo (VHS) e em áudio (CD) da música ‘LARANJAS E BANANAS’, com refrão seguido de ‘Eu vou comerrrrr, comerrrrr, comerrrrr laranjas e bananas’, interpretado pela cantora Xuxa Meneghel. O objetivo foi à exposição consciente desses informantes à pronúncia enfática do “r” em final de palavras que a intérprete da música faz, mas mais como um estímulo diferente a ser somado na articulação do fonema /R/, uma vez que, no ambiente doméstico, dada a informalidade, esses informantes pouco (ou nada) ouviram a pronúncia deste fonema. E, embora os informantes já freqüentassem a escola, os estímulos externos não eram muito diferentes dos recebidos em casa.

Portanto, de antemão, acreditávamos que a exposição programada das crianças a tal estímulo, ‘Bananas e Laranjas’, não iria afetar o modo como estes informantes haviam processado a pronúncia do fonema em estudo, isto é, não iria modificar sistematicamente o processamento desse fenômeno na gramática natural deles, mas gostaríamos que eles se expusessem também a um estímulo condicionante da pronúncia do fonema /R/ em final de palavra, para confirmarmos nossa hipótese.

Com o objetivo de uma leitura na variedade sociolingüística tida como padrão das entrevistas dos textos orais, segue, abaixo, a Figura 3, com as abreviações empregadas durante as transcrições. Esclarecemos que os procedimentos utilizados nessa pesquisa foram baseados nas normas para transcrições de Dionísio (2001).

Ocorrências	Sinais
1	Informante 1
2	Informante 2
E	Entrevistador
(Inintel)	Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis
()	Comentário do transcritor
[[Simultaneidade de vozes
...	Pausa

Figura 3: Códigos assinalados

- 1) Nos exemplos, os parênteses serão preenchidos por dois tipos de informações:

- (i) dados necessários sobre o contexto vivenciado no momento da gravação.
- (ii) indicações como tosse, ruído, etc.

2.3. Metodologia de transcrição e codificação da amostra

Concomitantemente à coleta de dados dos textos orais, ocorreu a transcrição dos enunciados. Conforme Marcuschi (2001, p.49): “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica [...]”, ou seja, a transcrição ocorreu de modo a não interferir no discurso produzido pelos falantes tanto do ponto de vista da forma como do conteúdo, conforme fragmento da entrevista, datada de 26/08/2002, apresentado abaixo:

- 1. Não, não, não.
- 1. Deu, deu! Não podi mais pegá.
- 2. (initel)
- 2. Eu posso.
- 2. Eu vô pegá só um.
- 1. Ai.
- 2. Ah! Eu vô pegá u preto.
- 1. Ah! O marrom não, não vai consegui derrubá nenhum.
- 2. Eu vô escolhê.
- 1. Não, não podei.
- 1. Não, agora só tem us mais fraquinhos ó. Usa a carreta pa consegui derrubá.

Após o término dessa etapa, cada enunciado foi analisado para a identificação da não-realização do fonema /R/ em final de vocábulos e sua relação com os grupos de fatores lingüísticos controlados conforme Figura 4, abaixo.

1. Classe gramatical
2. Contexto lingüístico seguinte
3. Contexto lingüístico precedente
4. Terminação da palavra
5. Dimensão do vocábulo
6. Acento lexical
7. Subclasse dos substantivos (próprios e comuns)
8. Classificação do modo verbal (infinitivo e subjuntivo)
9. Classificação da formação verbal (simples e perifrástica)

Figura 4: Variáveis lingüísticas controladas

Depois da análise dessas ocorrências, os dados do *corpus* foram codificados, separando as classes verbal e nominal, conforme exemplifica os exemplos (1) e (2) respectivamente e digitados em um programa do Excel para o auxílio da análise estatística.

(1) Ah! Eu *vô* **PEGÁ** *u* preto. (31.1.3.2.d.V.E.X.O.I.L)²

(2) Mas aqui o **VITOR** já fez assim ó. (31. 2.1.1.D.C.R.S.O.B)³

As variáveis lingüísticas: *contexto lingüístico seguinte*, *contexto lingüístico precedente*, *terminação da palavra e dimensão do vocábulo* foram analisadas separadamente nas classes verbo e nome, já as demais variáveis são específicas ou para a classe verbal ou para a nominal.

2.4. Dados expurgados da amostra após a análise prévia

Conforme descrevemos anteriormente, os informantes foram expostos à pronúncia enfática do /R/ do Rio de Janeiro, por meio da interpretação da cantora Xuxa Meneghel na música ‘Bananas e Laranjas’, a qual, embora seja gaúcha, nesta música, pronuncia o /R/ carioca. O nosso objetivo era expormos sistematicamente esses informantes a contextos em que o fonema /R/ final de sílaba era bem pronunciado. A nossa hipótese era que essa curta exposição não iria influenciar na articulação do fonema /R/ de nossos informantes, entretanto queríamos que eles também recebessem estímulos diferentes daqueles do contexto familiar e escolar em que convivem. Após o período de exposição, a entrevistadora pediu aos informantes que cantassem a música “Laranjas e Bananas” (entrevistas 29, 30 e 31 datadas de 14, 20 e 26 de agosto de 2002, respectivamente). Os dois informantes cantaram a referida canção, pronunciado o fonema /R/, de acordo com exemplo (3), abaixo. Todos os enunciados nos quais os informantes reproduziram a música integralmente ou parcialmente foram excluídos da amostra do *corpus* analisado, a fim de evitar distorções nos dados.

(3) *Vô* **COMAR**, *vô* **CAMAR**, *vô* **CAMAR** laranjas e bananas, *eu* *vô* **COMER**, **COMER**, **COMER** laranjes e bananes, *eu* *vô* **QUIMIR**, **QUIMIR**, **QUIMIR** laranjis e bananis, *eu* *vô* **COMOR**, **COMOR**, **COMOR** laranjos i banonos, *eu* *vô* **COMUR**, **COMUR**, **COMUR** laranjus i banunus, deu!. (Informante 1)

3. Considerações Finais

Conforme o fenômeno e o *corpus* estudado, podemos fazer a junção de duas ou mais ciências a fim de enriquecer o trabalho desenvolvido. Na pesquisa mencionada, foi importante tal apropriação, pois havia estudos com informantes adultos de várias faixas etárias, sexo, escolaridade,

² (31.1.3.2.d.V.E.X.O.I.L) – **31** (número da entrevista); **1** (apagamento do fonema /R/); **3** (número da ocorrência naquela entrevista); **2** (informante 2); **D** (dimensão do verbo - dissílabo); **V** (contexto lingüístico seguinte – vogal); **E** (contexto lingüístico precedente – média); **X** (terminação dos verbos – ar); **O** (acento lexical – oxítone); **I** (classificação do modo verbal – infinitivo); **L** (locação verbal).

³ (31. 2.1.1.D.C.R.S.O.B) – **31** (número da entrevista); **2** (manutenção do fonema /R/); **1** (número da ocorrência naquela entrevista); **1** (informante 1); **D** (dimensão do nome - dissílabo); **C** (contexto lingüístico seguinte – consoante); **R** (contexto lingüístico precedente – posterior); **S** (terminação do nome – or); **O** (acento lexical do nome – oxítone); **B** (classificação do substantivo – próprio).

região geográfica, etc. e faltava, pelo nosso entendimento, uma investigação com crianças a fim de comparar os resultados obtidos nas demais pesquisas.

O que precisamos avaliar, no momento da escolha do tema de pesquisa, são os benefícios dessa interdisciplinaridade, bem como o rigor metodológico a ser seguido com o objetivo de valorizar e não comprometer a investigação.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo descrever a metodologia aplicada em uma pesquisa na interface de duas ciências: psicolinguística e sociolinguística. Da primeira, utilizamos o estudo de caso longitudinal, porque é um dos métodos mais usados para investigações com crianças em fase de aquisição da linguagem; da última, aplicamos os pressupostos teórico-metodológicos de Labov (1978), com relação à espontaneidade da fala e o controle de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: sociolinguística; psicolinguística; metodologia aplicada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística**. v.1. São Paulo: Cortez. p.21-47.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Tradução de Rosane Amador Pereira. 3.ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à Sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BOUTON, Charles P. **O desenvolvimento da linguagem**. Tradução de Carlos Domingues e Cláudia Possolo. Lisboa – Portugal: Moraes Editores, 1977.
- FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- KAUFMAN, Diana. A natureza da Linguagem e sua Aquisição. In: GERBER, Adele. **Problemas de Aprendizagem Relacionados à Linguagem: sua natureza e tratamento**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 52-71.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. (Org.). **Proceedings of the 11th International Congress of Linguistics**. Bologna: Il Mulino, 1975.
- _____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.
- MARCUSCH, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATOS LIMA, Joana D’Arc. **Difusão lexical na vibrante final**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. UFRJ, 1992.
- MELO, Lélia Erbolato (org.) **Tópicos de Psicolinguística Aplicada**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: FRJ, 1992.

- MOLLICA, Maria Cecília. Aquisição de padrões fonológicos variáveis. RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. (orgs). In: **Varição e Aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p.33-42.
- MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil: **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.35, n.1, p.275-284, mar.2000.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender LABOV**. Petrópolis:Vozes, 2000.
- NEWCOMBRE, Nora. **Desenvolvimento infantil**: abordagem de Mussen. Tradução de Cláudia Buchweitz. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- OLIVEIRA, Marcos Antônio de. Reanálise de um problema de variação. **Série estudos Fiube**: português: estudos lingüísticos, Uberaba, MG, n. 7, p. 23-51, 1981.
- SANTOS, Raquel. Psicolingüística. In. FIORIN, L. (org.) **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002.
- SCARPA, Éster Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística**. v. 2. São Paulo: Cortez. p. 203-232.
- SLOBIN, Dan Isaac. **Psicolingüística**. Tradução de Rossine Sales Fernández. São Paulo: Cia Editora Nacional/Edusp, 1980.
- STERNBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. Tradução de Maria Regina Borges Osóric Alegre: Artes Médicas, 2000.
- VOTRE, Sebastião J. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. Tese -- doutorado, Faculdade de Letras. PUC – Rio, 1978.